

Sobre as cartas

CARLOS MENDES DE SOUSA

“Olhando para trás, apercebo-me duma linha em função da qual as coisas ganham todas um relevo específico e que faz das diversas cidades onde tenho residido – Viseu, Lisboa, Oxford, Bruxelas – espaços que a partir das relações que entre si mantêm se iluminam duma luz que está dentro de mim e a que jamais conseguirei que qualquer outra pessoa igualmente possa contemplá-los. // Dir-se-ia que a minha vida é composta de sucessivas camadas de um solo à superfície do qual me obstino em trazer à luz do dia essas imagens que recozidas pelo tempo, ao longo dos anos se foram transformando. Muitas delas brilham isoladas, frequentemente dum brilho que já não é do que lhes deu origem mas de outras que nada parecem ter a ver com elas e em relação às quais, por mecanismos internos do meu espírito, entretanto adquiriram uma dependência idêntica à dos planetas relativamente às estrelas”

Luís Miguel Nava, “As escadas” (texto autobiográfico oferecido a Amadeu Lopes Sabino e publicado no *J.L.*, em Agosto de 95).

O Luís Miguel tinha chegado de Oxford na véspera. Fui ter com ele ao apartamento de Benfica, pela manhã. Isto terá sido pelo Carnaval ou talvez em qualquer outra pequena paragem lectiva. Sei que ele viera por poucos dias e sei que foi antes de Junho – o Luís Miguel aproveitava todos os pretextos para vir a Portugal. Há uma imagem que fixo: antes de sairmos para o almoço, sentou-se junto da pequena mesa redonda e, percorrendo a agenda, foi fazendo uns quantos telefonemas. Combinava encontros para o lanche, para um breve café, para o jantar... Os dias em Portugal (nessa altura ficaria apenas por Lisboa) eram planeados ao pormenor, numa ávida busca de amigos. Passados todos estes anos, consigo lembrar-me do Luís Miguel agarrado ao telefone em Oxford, em Bruxelas ou em Amesterdão (lembro-o em gabinetes, em salas ou em cabines telefónicas). Mas era diferente quando chegava a Portugal: em Lisboa, ou em Coimbra, em casa da Rosa, na minha casa, em Braga, ou no Hotel de Paris, no Porto. Tudo isto antes do telemóvel. O encontro com os amigos, o entrelaçamento dos fios – como no poema.

*

Quando não podia estar com os amigos, o Luís Miguel enviava cartas. Ele gostava verdadeiramente de escrever cartas. Sabe-se que escreveu muitas e que grande

parte delas, ou fragmentos delas, foram pensadas como partes de uma obra mais vasta. Assinale-se a relevância da vertente epistolográfica na sua produção escrita. Para além do seu intrínseco valor literário, essas missivas dirigidas aos amigos, a escritores ou a outros destinatários dão-nos um retrato parcial da sua trajectória de vida, constituem importantes achegas para a sua biografia.

Ao começar este depoimento, não me tinha lembrado das cartas. Depois de as reler, achei que tudo o que mentalmente tinha delineado para o retrato do Luís Miguel seria muito menos interessante do que aquilo que poderia ser dito a partir da sua própria voz. Talvez eu não tenha conseguido encontrar toda a correspondência que dele recebi. Juntei uns poucos postais e algumas cartas a seguir à morte, mas foi dois anos depois que recuperei grande parte dessa vasta correspondência na desordem das minhas gavetas, precisamente quando programámos o primeiro número da *Relâmpago*. Interrompi então o meu trabalho de doutoramento e, durante um mês, nesse verão, fechei-me para escrever o texto que receberia o nome: “A coroação das vísceras”. Este texto não foi escrito como um trabalho qualquer. Nesse processo, reli as cartas. A toda a hora vinham-me à mente imagens do Luís Miguel, e posso dizer que foi, até hoje, para mim, o mais doloroso dos meus textos. Acho que isso se percebe naquilo que escrevi.

Recordo agora outro momento, outra data por causa de uma dedicatória. Tinha havido um jantar de fim-de-ano no Bairro Alto. No dia seguinte, o primeiro do ano de 1990, logo pela manhã, o Luís Miguel ofereceu-me o livro novo. Lembro-me muito bem desse dia, lembro o Luís Miguel a pensar a dedicatória (depois iríamos até Seteais com o Paulo Silveira e com o Tiago Moreira). Ele escreveu: “Para o Carlos, este livro escrito entre dois exílios (Oxford e Bruxelas) e nascido dum outro, mais fundo e inomeável (“sob as entranhas”), onde, talvez por isso, tanto se fala de raízes (mas não são estas e as entranhas uma só e a mesma coisa?)”

A maioria das cartas que guardo do Luís Miguel foi escrita em Oxford e em Bruxelas. Esboça-se nelas um retrato que diz respeito a um tempo que é o tempo desses três exílios. Ele escrevia cartas longas e gostava também de recebê-las com muitos detalhes. Chegava a enunciar isso claramente: “Peço-te o favor de, quando me responderes, o que faço votos para que aconteça o mais depressa possível, não seres avaro relativamente aos respectivos pormenores [...] Fico a aguardar com impaciência a resposta” (Bruxelas, 15.06.87). Quando viajava, ou quando tinha menos tempo, enviava postais, quase sempre intervalares no quadro da linha contínua da correspondência encetada. Vinha então a promessa do relato mais extenso (“Mandas-me também as fotografias que tiraste? Prometo agradecer-te com uma grande carta de Bruxelas” – Vila Nova de Milfontes, 12.04.90). Um tópico recorrente nas cartas é a afirmação de que estas não substituem o contacto pessoal – nenhum assunto, nenhum tema pode ser dito como no encontro pessoal. Lamenta, a dada altura, “que a tão precário meio de comunicação tenham de cin-

gir-se as nossas relações”. Acontecia por vezes haver desencontros nas viagens que ambos fazíamos: “Alimentava a esperança de que ali nos pudéssemos encontrar e ter assim a oportunidade de dar largas a um diálogo que a correspondência inevitavelmente espartilha. Infelizmente, não foi o caso. Sucintamente, e sem a aura emotiva que a presença das pessoas comunica às palavras, aqui te deixo, portanto, algumas novidades e um ou outro comentário às que a tua carta me trouxe” (Bruxelas, 23.07.90). Decorrente desse desejo de estar com os amigos e de poder *de viva voz* apresentar os relatos parcialmente enunciados na carta, também surge o apelo constante à visita, na qual se completaria o que na carta apenas era anunciado. São intermináveis os exemplos: “Como calcularás, as novidades relativas a esta estadia oxfordiana não são inferiores em número às das férias, razão pela qual a sua narração requer idêntica disponibilidade, que só um encontro nosso, e não uma carta rabiscada à pressa, poderá proporcionar. Deixar-te-ei aqui, no entanto, alguns pormenores do que creio que estarás sedento [...] Vai sendo pois altura de programares a tua visita, para de tudo isso te inteirares pessoalmente” (Oxford, 24.10.85); “Acabo de receber os teus postais de Hamburgo, onde pela Rosa já sabia que te encontravas. Foi pena não me teres comunicado com a devida antecedência a tua direcção, pois eu poderia ter posto a hipótese de te lá ir visitar num fim-de-semana [...] Envia-me o teu endereço no Brasil assim que souberes onde vais ficar alojado. Quem sabe se não será ocasião de eu lá ir?” (Bruxelas, 22.01.92). Noutra carta, também enviada de Bruxelas, em Fevereiro de 94, escreve: “Assim, para ficares a saber das minhas aventuras, terás de estar comigo e ouvi-las de viva voz. Não sei por que é que nessas tuas idas à Alemanha, não aproveitas para passar por aqui”. Faz-me depois um pedido – que lhe dê a indicação do endereço de um amigo meu em Bruxelas – e acrescenta: “Assim continuo: à cata de gente para amenizar a minha solidão”.

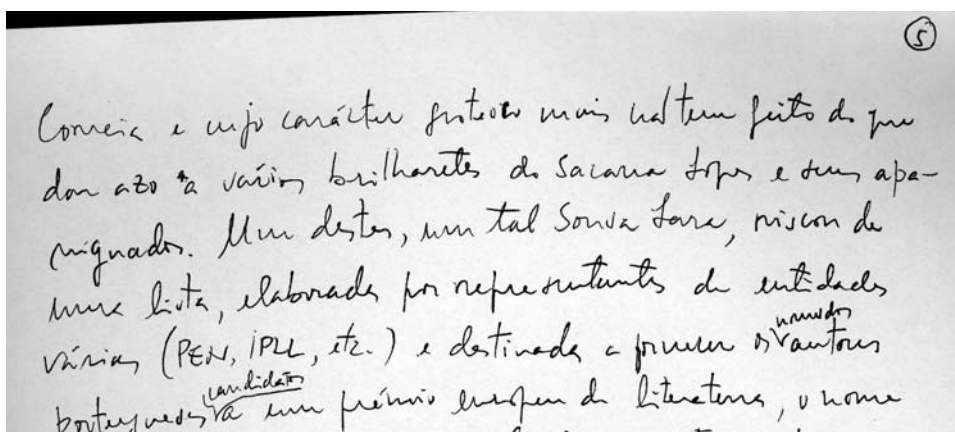
*

Na escrita das cartas encontramos, tal como na poesia, um intrincado universo de correlações, de realidades intermutáveis. Assimila os amigos ao sol, duas realidades subsumidas numa outra de ampla significação: o sul. “Apesar de não estar frio, o céu mantém-se cinzento desde que daí cheguei, com, a espaços, alguma chuva miudinha. O que me faz sonhar com o sul, com as férias (e é difícil não associar ao meu trabalho este clima daqui) e, sobretudo, com os amigos, de cujo convívio me sinto tão necessitado quanto do sol a que tão amiúde os assimilo”(Bruxelas, 16.01.90).

Era um dos seres mais agregadores que já conheci. Acolhia, com grande entusiasmo, novos amigos no seu círculo e estava sempre pronto a estabelecer conexões entre eles. A sua presença impunha o ser assinalado que ele era. Brillhante, animava os grupos convocados para os jantares. Adorava contar histórias, e eram extraordinárias as imitações caricaturais de pessoas conhecidas e mesmo amigas. Loquaz e sardónico,

implacável face à mediocridade, podia arrasar com o seu irónico desdém. Lamentava que não se conseguisse falar nas discotecas, quando havia um grupo maior que, a seguir a um jantar, ou a um qualquer encontro, para lá se dirigia.

Vivi ao lado do Luís Miguel episódios aventurosos, momentos de grande animação. Raramente as cartas que recebi dão conta dessa sua faceta. Uma delas, que me foi enviada numa ocasião em que mudei de casa, aproxima-se desse tom. Começando por apresentar os votos de boa estreia da nova morada, aproveita para efabular, num bom naco de prosa fantasiosa – propõe-se “desembarcar em Braga com um contingente de jovens árabes sequiosos das maiores luxúrias” (Outubro de 89). O registo prevalecente nestas cartas é aquele que prolonga as nossas conversas mais pausadamente sérias.



Recordo umas férias que passei em Bruxelas, no belo apartamento da Rue de la Source (antes de o Andrew ter ido para Estrasburgo e de o Luís Miguel se ter mudado para a Rue de la Madeleine). Éramos muitos os hóspedes do Luís Miguel nesse verão. Um dia, a seguir ao almoço, pediu-me que fosse com ele ao escritório (dois pisos acima do andar, na zona que originariamente se destinaria aos aposentos dos empregados); mostrou-me então uma série de dossiers com correspondência arquivada: as cartas estavam organizadas pelos nomes dos emissores e pelas datas de recepção; nalguns casos, havia também cópias da correspondência por ele remetida. Leu-me, nessa ocasião, de ponta a ponta, as missivas de uma pessoa que eu conhecia e que deixara de fazer parte das suas relações, pessoa que tinha ocupado as nossas conversas nesses dias. À medida que ia lendo, comentava passagens das cartas como quem comenta páginas de um romance.

O investimento do Luís Miguel na escrita das cartas faz com que nelas ocorra naturalmente o assunto “literatura” e a reflexão sobre a sua própria obra. Veja-se a longa

carta a António Cândido Franco, em torno de Pascoaes (publicada na revista *Colóquio/Letras* nº135/136). Numa carta que me escreveu em Janeiro de 90, apresenta algumas considerações sobre a sua poesia que seriam depois desenvolvidas em termos similares no texto, datado de Setembro desse ano, intitulado “Algumas coincidências” (incluído nos *Ensaio Reunidos*). Mas talvez também seja importante chamar a atenção para pequenas notas onde, de passagem, trata de questões que têm a ver com os seus processos de escrita, como quando fala de uma recensão que tem em mãos: “Soube pelo Gastão que entretanto te prontificaste a escrever sobre a Fiama, [...] Eu comprometi-me, por meu turno, a escrever sobre o Nuno Júdice, o que comecei a fazer ontem, depois de, durante uma semana, ter reduzido a várias dezenas de fichas, algumas das quais com quatro páginas, os principais tópicos do livro. Se fizesse disso profissão, como o António Guerreiro, estava tramado, tais são os escrúpulos e o tempo de que necessito de cada vez que tenho de fazer a mais breve recensão” (Bruxelas, 4.12. 89).

Um dos aspectos mais fascinantes destas cartas advém da força diferenciadora da sua prosa. Aliás, a radical novidade da obra do Luís Miguel decorre em grande medida da forma extraordinária como viu e dominou o corpo da linguagem. Isso é claramente visível mesmo em notações muito simples; por exemplo, a propósito de tópicos como o tempo que faz no momento em que redige a carta: “Esteve hoje o primeiro dia de primavera. Embora a temperatura não tenha subido acima dos 10º, havia qualquer coisa na atmosfera que era já como se a natureza nos metesse as mãos por dentro da camisa” (Oxford, 23.02.85).

*

Algumas cartas cumprem a função de diário. Chega a enunciar esse propósito: “Passemos agora ao que poderia designar-se como ‘diário de um diletante’. Dado que, infelizmente, não tomo quaisquer notas sobre o que me vai acontecendo no dia-a-dia, aproveito por vezes uma ou outra carta a um amigo mais paciente para registar aquilo de que, de outra forma, se perderia a memória para sempre”. Nesta carta escrita em Bruxelas, em Dezembro de 89, apresenta um relato muito completo dos espectáculos de música e de teatro, assim como dos filmes a que ia assistindo. A carta, como acontece noutras ocasiões, vai sendo escrita ao longo de vários dias – como um diário: “Trata-se apenas de te dar uma ideia da atmosfera em que vou mergulhando o espírito nos poucos momentos que este inumano trabalho me deixa livres. Para teres uma ideia de como eles são escassos, basta dizer que esta carta já foi começada há mais de uma semana e só agora, em vésperas mesmo da minha partida, a posso concluir”. A partir de 1990, a ideia da escrita do diário, que até aqui vinha sendo transferida para outras áreas discursivas, passa a ter uma efectiva concretização. A propósito de uma ida a Marrocos, escreve: “Trago evidentemente muitas histórias, de que o meu diário guarda, dentro do possível, o registo,

mas prefiro contar-tas quando estivermos juntos” (Bruxelas, 22.01.91). Os diários vão passar a centrar-se numa categoria específica: os “diários de viagem”. Alimenta a vontade de os publicar um dia. Em cartas mais antigas, como numa datada de Outubro de 89, dá conta do grande fascínio que nele exerce a literatura de viagens. A propósito da autobiografia de Paul Bowles, escreve: “Na versão francesa, dada à estampa pouco antes do verão, a autobiografia chama-se sintomaticamente *Memórias de um nómada*, evidenciando



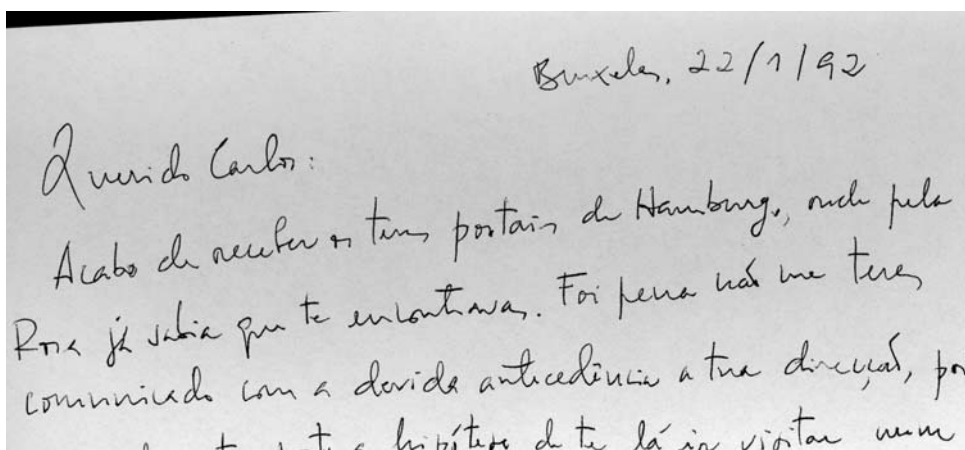
Com Rosa Oliveira, Carlos Mendes de Sousa e Paulo Teixeira, Antuérpia, 1989

assim um dos principais atractivos do livro: a permanente deambulação do autor. Ao lê-lo, somos transportados através das mais exóticas regiões do globo (com particular realce para Marrocos, o que para mim constitui mais um factor de interesse), de que vão desfilando quadros para a intensidade dos quais fundamentalmente contribui o espírito onde primeiro se imprimem e cuja textura, num processo de contínua criação, é deles indissociável. Sempre me fascinou este tipo de escritos onde a viagem e a criação se conciliam (o Bowles é aliás igualmente um músico e nessa qualidade, antes de se tornar conhecido como escritor, ganhou o suficiente para ir dando satisfação aos seus instintos nómadas) e creio dever-se, em grande parte a essa confluência o interesse de que para mim se revestem obras como as do Gide (que é uma das centenas de celebridades com quem o Bowles na sua errância se cruza) ou a do nosso Teixeira-Gomes (quanto a este último o Amadeu Lopes Sabino e eu tencionamos iniciar em breve um levantamento de todos os sítios que lhe estão associados na Bélgica e na Holanda)”. Em 94, já faz alusão aos diários de viagem e ao desejo de os publicar (após remodelação): “Voltando aos meus diários de viagem: gostava, de facto, de publicá-los, para isso precisava de

previamente os reescrever, coisa para que me faltam tempo e estímulo (se nisso houvesse um editor verdadeiramente empenhado, já seria diferente, creio)”.

*

Desse “diário de um diletante”, destaco uma faceta que surge com alguma insistência, em particular nas cartas da década de 80: as visitas a exposições de pintura. Acompanhei o Luís Miguel na visita a muitas exposições, em várias cidades, mas associo especialmente essa sua paixão pela pintura aos primeiros tempos da sua relação com o Paulo Silveira. Numa carta de Outubro de 85, refere a chegada a Oxford de um novo leitor de espanhol (“muito jovem e divertido”), o Juan Vicente Aliaga, licenciado em “História da Arte” (viria a tornar-se, mais tarde, um importante crítico de arte em Espanha), e prossegue: “A pintura tem aliás sido uma das coisas que mais nos tem mobilizado, a mim e ao Paulo, uma vez que, além das inevitáveis galerias e museus, temos procurado visitar algumas das belíssimas exposições que neste momento se encontram



em Londres. Vamos amanhã ver o Hodgkin naquela cujo adiamento te impediu de a veres, na Whitechapel Gallery. Entre as que no passado fim-de-semana visitámos, conta-se a do Julian Schnabel, que é actualmente um dos mais famosos pintores nos Estados Unidos (embora nem por isso dos que mais me têm fascinado)”.

Da sucessão de flashes que a memória foi desentranhando, há uma imagem que emerge entre muitas e que talvez seja trazida ao presente pela imposição do lugar-comum essencial para a leitura da sua poesia: a pintura de Bacon. Fui, com o Luís Miguel, visitar a impressionante exposição retrospectiva do pintor, na Tate Gallery, em 1985. O Luís Miguel já lá tinha estado. Lembro-me dele com um pequeno bloco na mão, a tomar

notas. Isto foi em Junho: eu tinha ido visitar o Luís Miguel a Oxford. Resolvemos, então, ir passar alguns dias a Londres. Divertimo-nos muito nesse período em que lá estive (o périplo pela noite gay, os concertos, as tardes nos parques). Acho que também nunca me senti tão próximo do que foi o laboratório poético do Luís Miguel. Nas tardes em que descansávamos silenciosos nos jardins de Kensington (perto da casa do Gastão, onde ficámos instalados), sacava muitas vezes do pequeno bloco para escrever frases ou versos. Falava depois das suas obsessões, dos seus fantasmas na escrita.

Há outras cartas da época com referências à pintura e a pintores, a idas a museus e a galerias de arte. Se Bacon é central na sua obra, não se pode dizer que tenha sido uma influência exclusiva. Gostaria de repescar algumas reflexões que dizem tanto sobre essa relação entre a sua criação poética e o universo das artes plásticas. Numa carta datada de Abril de 85, refere-me que viu três exposições no Museu de Arte Moderna de Oxford e diz que o deixou “particularmente impressionado a dum pintor de que nunca ouvira falar – Stephen Buckley”. Atente-se nas suas afirmações sobre a vivência epifânica desse momento: “Senti-me, perante ela, num daqueles muito raros momentos em que somos tocados por uma revelação. Uma vez mais tive a consciência de quanto a obra de um artista plástico pode influenciar a dum poeta, como o Rilke afirmava a propósito de Rodin. Daqueles objectos irradiava uma energia, um sopro, por que eu era totalmente atravessado. Creio ser isso a inspiração, ainda que de facto nada de concreto tenha surgido. Mas tenciono lá voltar, porque aquelas coisas exerceram sobre mim o fascínio de certas pessoas cuja companhia procuramos, ainda que somente para as ouvir e sentir na pele o brilho que de cada palavra sua ou de cada um dos seus gestos se desprende. Com um pouco de sorte, ainda a poderás ver (a exposição acaba no início de Junho) e comprovar a justeza do que eu digo”.

Tenho saudades dos dias que passei em Oxford com o Luís Miguel. Só lá voltei muito recentemente, quando me convidaram para falar de dois autores de que ele gostava especialmente (primeiro sobre João Cabral, em 2002, e no ano seguinte, sobre Machado de Assis). Nas duas ocasiões, evoquei a memória do Luís Miguel. Depois, o Tom Earle disse-me que a casa onde ele tinha vivido já não existia (alguém lhe falara disso). Precisei de ir lá. Entrei pelo portão lateral, vi logo que, nas traseiras, estava montado um estaleiro. Afinal, a construção nova era nas traseiras. Olhei para a janela do quarto que fora do Luís Miguel. Ele tinha-me pedido que o fotografasse sentado nessa janela. Fotografei-o precisamente dali, donde agora via o vazio.

*

Se as cartas são o espaço para enunciação de projectos que o Luís Miguel tinha em mente, elas também apresentam as dúvidas e mesmo os desabafos em relação àqueles planos que ficavam pelo caminho, que, por qualquer razão, iam “por água abaixo”.

Um dos sonhos mais acalentados era o da escrita do romance. Num P.S. a uma carta de 4 de Dezembro de 89, diz o seguinte: “Pelo Expresso da semana passada, soube que a Agustina se me antecipou, acabando de dar à estampa um romance sobre um tema acerca do qual eu sempre imaginara vir um dia a escrever: O drama da Poça das Feiticeiras. Já me tinha inclusive posto a hipótese de apresentar nesse sentido um projecto à SEC, com vista a uma bolsa. A partir de agora isso deixa de se justificar. Sobre os factos que se passaram em Viseu no início do século, foram na altura escritos vários livros, um dos quais – não sei se o mesmo a que a Agustina se refere na entrevista – existia na biblioteca do meu avô e tem o sugestivo título de *Sangue e Dinheiro*. Mais um projecto romanesco que se vai por água abaixo!”. Agustina tinha acabado de publicar *Eugénia e Silvina*. A ideia de romance, o desejo de escrever um romance não o largava (procurou diversas vias, entre elas o romance epistolar). Nos últimos tempos, essa ideia começou afinal a ganhar corpo. O Alexandre Garcia conseguiu recuperar no computador do Luís Miguel o que ele deixou do magmático: *O Livro de Samuel*.

A partir de dada altura, no que toca aos projectos, o cinema começa a ocupar um lugar cada vez mais central. Em 89, fala-me da sua inscrição no ioga e num curso de guionista de cinema: “O primeiro prende-se com o desejo de encontrar um factor de equilíbrio perante o stress provocado pelo dia-a-dia e o segundo com o intuito, acalentado há muito e de que provavelmente já tivemos o ensejo de falar, de vir a fazer um filme, eventualmente a partir duma obra literária” (Bruxelas, 10.10.89). Esse desejo acaba por ser canalizado para a figura de Teixeira Gomes (foi fundamental, para isso, o diálogo permanente com Amadeu Lopes Sabino). Em 92, escreve: “Tenho entretanto estado muito ocupado com o Teixeira Gomes, sobre quem de momento trabalho em dois projectos [o primeiro projecto: um livro]. O outro projecto é a realização dum filme-documentário, que em princípio será assumida pelo Luís Galvão Teles, que me pediu colaboração. Redigi já um texto para apresentação do projecto às entidades susceptíveis de o virem a subsidiar e, se tudo correr bem, antes do fim do ano haverá dinheiro para a escrita do guião, que eu espero empregar nas necessárias deslocações aos locais associados à vida do escritor, de entre os quais se salienta, evidentemente, a cidade de Bougie, na Argélia, onde ele morreu” (Bruxelas, 20.05.92).

*

Qualquer biografia do Luís Miguel que venha a ser escrita acabará por destacar o seu gosto pelas viagens. Ele era um nómada inquieto. Mesmo quando vinha a Portugal, nas férias mais longas, não parava. E nessas andanças precisava de ver os amigos: “Grandes foram os desencontros do passado verão, com cada um de nós a chegar aos sítios pouco depois do outro haver partido. Assim se passou em Faro, assim em Coimbra, onde eu te esperava encontrar durante os breves dias que passei na Figueira, na altura do Festival

de cinema. // Da Figueira seguiu para Viseu e depois para o Minho, num complemento às deambulações algarvias que, embora mais curto, se não mostrou menos rico de experiências que estas” (Oxford, 24.10.85). Na sua epistolografia, impõe-se a infinidade de postais para os amigos, enviados de tantos lugares. Eu encontrei alguns com os carimbos do Algarve, de Marraquexe, da ilha de Jerba, de Atenas, de Dublin, de Madrid, do México. Os seus postais não eram postais de turista. O Luís Miguel não era um turista: ele precisava de sentir o espírito do lugar e, sem exceções, informava-se profusamente antes de ir a qualquer nova terra. Dizia às vezes que as pessoas deveriam ser proibidas de viajar caso não tivessem lido a bibliografia essencial sobre a História e a cultura dos países a visitar. As viagens eram, antes de tudo, como ele próprio afirmava, antidepressivas: “A minha viagem à Tunísia, donde te enviei um postal, correu bastante bem e vim de lá revigorado. Creio que as duas semanas que lá passei me foram mais benéficas do que três meses de antidepressivos. Parece que de todos os países árabes é o que está mais ocidentalizado e, talvez por isso, vive-se lá com uma descontração que não encontramos em Marrocos, sem prejuízo daquele toque meridional a que tão sensível sou” (Bruxelas, 16.01.90). Se a viagem começa por ser a consequência imediata do sufoco permanentemente sentido nos locais onde trabalha, o desejo de fuga acaba por ter um alcance muito profundo; na ideia de viagem contém-se uma espécie de utopia, uma mitificação que recebe um nome: “sul”. Essa ideia do sul vai sendo cada vez mais associada a um lugar concreto – Marrocos. Antes de Marrocos, pensou noutros lugares, embora com um carácter menos definitivo, como foi o caso do Egipto. Em 1990, encetou todas as diligências no sentido de ir trabalhar para um leitorado no Cairo: “Não sei se já sabes que entretanto o Cairo foi por água abaixo [...] Comunicaram-mo quando eu já tinha despoletado todo o processo de interrupção do meu trabalho aqui e, se bem que eu julgue que não terei dificuldade em cancelá-lo, a verdade é que, depois de, durante um mês e meio, me ter imaginado no Egipto (de cuja literatura me tinha já tentado inteirar, comprando uma dúzia de romances, para além duns quantos guias), me é extremamente difícil aceitar a minha permanência aqui.” (Bruxelas, 23.07.90).

O norte de África, a grande obsessão (veja-se a longa temporada em Marrocos nos últimos tempos de vida), faz claramente parte desse espaço idealizado, lugar onde tudo se harmonizaria, bem longe do coração roído da Europa. Escreve-me para o Brasil, em 92: “Fiquei contente por te saber satisfeito e disposto a nortear o que te resta de tempo aí por um *carpe diem* que se me afigura bastante salutar. É um pouco também a minha filosofia de há uns tempos a esta parte, embora reconheça que é muito mais difícil ser coerente com ela aqui, entre as névoas setentrionais, do que em tropicais países onde – imagino – o apelo sensual deve brotar da própria terra”. Depois irá ao México, outro lugar sonhado. No entanto, como afirma numa carta de Bruxelas, em que fala dessa

viagem, a sua geografia mais funda, a geografia poética, é cada vez mais uma geografia interior: “Livro, haverá em breve, embora ainda não de relatos de viagem, mas sim de poemas. Intitular-se-á *Vulcão*, no que estará implícita uma pequena homenagem ao México, onde aliás escrevi dois dos vinte e quatro textos que o irão compor (sem que, evidentemente, neles haja qualquer indício dessa circunstância: a minha geografia poética é cada vez mais interior)”(24.02.94).

*

“À medida que os amigos desaparecem maior vai sendo o desejo de estreitar os laços com os que restam...” (Bruxelas, 20.05.92)

O tom que acaba por prevalecer, nas cartas que recebi, mostra sobretudo o Luís Miguel melancólico, o Luís Miguel introspectivo. O confessionalismo que marca muitas das missivas leva-o a escrever: “Quanto ao que de novo te posso contar, não há senão que, uma vez mais, estou à beira da mais profunda depressão.” (Bruxelas, 23.07.90). Ao mesmo tempo, impressiona a admirável lucidez quando fala do estado que o consumia. Chega a fazer análises de si num registo que, na linguagem utilizada, nas imagens convocadas, não está longe daquele que encontramos em muitos dos seus poemas em prosa: “Sinto-me, em suma, muito só, desamparado, com o mundo que me rodeia e o presente e o futuro em função dos quais o perspectivo a tomarem dentro do meu espírito a figura dum deserto onde sem bússola me vejo forçado a errar. Sei que as coisas de um momento para o outro poderão alterar-se, como quem, adormecido, desse de súbito por já estar a ter um sonho diferente, mas tal convicção não obsta a que, enquanto me mantenho neste pesadelo, a falta de quaisquer outras referências que lhe sejam exteriores me mine literalmente o espírito. A minha própria fraqueza face a tais adversidades, certamente não superiores àquelas por que o comum dos mortais naturalmente passa, contribui para que eu me tenha em muito pouca conta, o que evidentemente mais não faz do que acentuar a minha desolação” (Bruxelas, 22.01.91).

De todas as cartas que recebi, nenhuma me inquietou tanto como aquela datada de 23.07.90 e enviada de Bruxelas. No seguimento de coisas várias contadas na sua belíssima prosa ciceronina, dizia a dada altura: “Há entretanto um assunto sobre que há muito ando para te falar”. Não conseguia bem perceber o porquê daquilo que a seguir ali aparecia escrito (éramos todos tão jovens!): “Trata-se do seguinte: no ano passado, antes de cá teres estado e numa altura em que o meu desânimo parecia ter atingido o auge (há momentos em que me parece descer tão fundo que toco com o pé no chão do inferno), resolvi fazer um testamento, ideia que, de resto, há anos tentava pôr em prática. Não que eu suponha ir desaparecer em breve ou ser capaz de ceder à miragem do suicídio, para que infelizmente creio que nunca teria coragem,

mas porque em certas circunstâncias a minha visão da vida é de tal modo distanciada que não posso deixar de a encarar já como uma espécie de morte e esse facto me leva a pensar na outra, a biológica, como uma coisa quase familiar”. Prossegue com considerações pragmáticas sobre o modo como ele entendia que poderia vir a funcionar a Fundação (“O Gastão costuma aliás dizer que será o meu Azeredo Perdigão...”). Acrescenta depois: “Falei nisso ao meu advogado, que o redigiu em função dos meus desejos – os meus bens destinar-se-iam à publicação de uma revista de poesia e à instituição dum prémio. A coisa foi feita com alguma precipitação, no pressuposto de que eu posteriormente pudesse vir a acrescentar-lhe algumas precisões. Coisa que entretanto não fiz, por me parecer necessitar, para o efeito, da colaboração de outras pessoas”. Termina dizendo que gostaria de acrescentar o meu nome aos testamentários designados: “Isto pode parecer um pouco ridículo, mas a verdade é que ficaria um pouco mais tranquilo se aceitasses”.

Quando o Luís Miguel morreu, nenhum dos amigos podia acreditar. Lembro-me de ter chegado a casa e de ter o atendedor de chamadas cheio de mensagens da Rosa. A morte não foi pronunciada para a máquina. Alguma coisa má tinha acontecido. Depois fomos velá-lo no Porto, numa capela contígua à Igreja do Foco. Houve uma cerimónia simples. Muitas vezes eu e o Luís Miguel combinávamos como ponto de encontro esta cidade, e ficávamos hospedados no hotel onde, nesse dia triste de Maio, acabou por ficar grande parte dos amigos que foram chegando, vindos de vários lados. Nessa noite, contámos muitas histórias. Alguém disse: “era assim que o Luís Miguel gostava de nos ver reunidos”. No dia seguinte, não cheguei a tempo da missa (não tinha conseguido dormir). À porta da igreja, lembro-me de ver, de repente, todos os carros a partir (eu tinha combinado ir para Viseu com um amigo que viria ter ao Porto; este não apareceu, as pessoas que ali estavam foram-se distribuindo pelos carros). Fiquei paralisado. Não me despedi do Luís Miguel em Viseu. Senti-me perdido, só, ali na cidade onde tantas vezes fomos ter um com o outro.



Com Rosa Oliveira e Carlos Mendes de Sousa, Amesterdão, 1989